
Entre o Paraíso e Nós: Um Relato Sobre Experiências Audiovisuais Ensaísticas¹

Fagner dos Santos Fernandes²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Este relato é resultante da experiência audiovisual³, documental/ficcional, construída por meio de um roteiro vivido que aborda relações de afeto cotidianas desenvolvidas em ambiente familiar comunitário. Por intermédio deste, será possível observar como as experiências cotidianas, podem ser valiosas na produção audiovisual documental/ficcional, demonstrando alguns dos aspectos políticos, éticos, estéticos e metodológicos que deram origem ao projeto. O objetivo é realizar uma partilha afetiva com intuito de aproximar os conceitos de Jacques Rancière, bell hooks e John Dewey, por meio de experiências pessoais, tensionando a legitimidade do fazer cinematográfico, bem como as vivências dentro e fora da academia. Sendo assim, este ensaio apresenta um recorte importante do processo criativo, conduzido a partir da relação afetiva entre mãe e filho, realizado por meio de técnicas, objetos e recursos disponíveis no convívio diário onde os participantes coabitam e compartilham suas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: experiência estética; memória afetiva; partilha audiovisual.

O que fazemos aqui?

O relato a seguir poderia falar sobre a vida de uma mulher sexagenária que deseja reencontrar sua falecida mãe. Ansiosa para habitar a terra prometida por Deus, seu maior desafio é vencer o vício do cigarro, em meio a uma depressão, e aguardar o batismo tão sonhado. O desejo dela ainda é viver em um paraíso perfeito, no qual homens caminham entre leões, lugar onde não existem doenças, nem dores, apenas amor, paz e harmonia, no qual todos aqueles que se foram, poderão se abraçar novamente. Esse é um roteiro de vida que sequer foi escrito, e caso tivesse sido realizado, não caberia em um curta metragem, nem mesmo um longa, ou melodrama. O que se pretende aqui é algo mais amplo. Uma partilha sincera, verdadeira, leve, sem amarras, com muitas falhas técnicas, iguais as da vida, carregada de afetos, lembranças, ausências, saudades vividas e esquecidas, abraços perdidos, coisas não ditas, gestos reiterados de amores póstumos e sorrisos reconstituídos. Isso não é

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 5 a 8 de setembro de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação — Mídia e Formatos Narrativos da UFRB, e-mail: fagnersantosfernandes@gmail.com

³ Disponível em: <[filme-ensaio.mp4](#)>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ruim nem bom, apenas nós, afago apertado, braços abertos, olhos fechados, gestos raros em nosso jeito de demonstrar afeto.

Ademais, a metodologia empregada foi desenvolvida de forma experimental e empírica. Os temas desenvolvidos foram guiados pelo afeto e por provocações sobre os sentimentos que envolviam as rotinas cotidianas dos participantes, mediante conversas informais, não roteirizadas e fluídas, provenientes de encontros/visitas semanais. Sendo assim, os diálogos permitiram acessar memórias afetivas, lembranças compartilhadas, momentos esquecidos, revelando angústias, medos e desejos a realizar, bem como relatos sobre como lidar com esses sentimentos. O processo de filmagem foi realizado com plano de fundo natural, lugares de convívio familiar frequentes no qual todos os objetos estavam à mão, dispensando a confecção de figurinos e cenografias complementares. As roupas foram escolhidas do guarda-roupa pessoal de Lúcia, todos os elementos, tais como, fotos, vestimentas, objetos decorativos, foram selecionados no momento sem prescindir de um ensaio técnico anterior ou a encenação de personagem fictício.

Para tanto, proponho um diálogo entre experiência estética (Dewey, 2010), ética amorosa (hooks, 2021), cenas de dissenso (Rancière, 2005; Marques, 2012) e das relações que se seguem entre o narrador e o receptor (Benjamin, 1987). Os argumentos dos autores apresentados são valiosos na abordagem dos aspectos políticos, éticos e estéticos do processo criativo que motivou a produção do audiovisual em tela. Assim como as discussões sobre vivências cotidianas conduzidas a partir da relação afetiva entre mãe e filho, dando a ver outras corporeidades científica e acadêmica, no cruzo da arte com a vida, a partir dos engajamentos afetivos e experiências estéticas.

Assim, a intenção não foi se aproximar de outros estilos ligados aos gêneros ficcionais ou documentais, nem construí-lo sob a lente mercadológica do cinema, mas sim, ultrapassar a representação e realizar uma partilha comunicacional sincera, verdadeira, leve, sem amarras, com muitas falhas técnicas, iguais as da vida, carregada de afetos, lembranças, ausências, saudades, vividas e esquecidas, abraços perdidos, coisas não ditas, gestos reiterados de amores póstumos e sorrisos reconstituídos. Isso não é ruim nem bom, apenas nós, afago apertado, braços abertos, olhos fechados, gestos raros em nosso jeito de demonstrar afeto.

O que isso tem haver com a academia?

O motivo pelo qual comecei a idealizar a proposta inicial de gravação de um mini documentário afetivo que abordasse temas trabalhados em sala de aula, partindo dos conceitos

trazidos por docentes e colegas, pesquisas pessoais, bem como debates, palestras dialógicas, e outros tipos de partilhas e produções que tivemos contato durante o percurso acadêmico em 2023.

A escolha envolveu conceitos desenvolvidos pelos autores como John Dewey, que nos trouxe outra visão sobre o lugar da arte, não mais como algo sagrado valorado apenas em museus ou galerias, e sim como possibilidades múltiplas de interações resultantes de experiências da vida cotidiana. Dewey (2010) promove uma reflexão proveniente da experiência educativa realizada por meio do despertar criativo da criatura viva que sente e valoriza a interação ativa entre as pessoas e seus objetos, no ambiente nativo, no qual, segundo ele, estamos mais abertos e receptivos a novas experiências. E é exatamente isso que proponho, uma experiência. Com isso, foi possível, não apenas construir, mas vivenciar experiências muito importantes durante todo processo criativo, aplicando na prática conceitos que confirmam a ideia sustentada por ele. Dewey, afirma também que a arte pode transformar a vida das pessoas, formar conexões entre elas, envolvendo-as em processos reflexivos, por meio de experimentações e descobertas compartilhadas durante a troca, não como produto final, transcendendo as barreiras verbais de uma comunicação singular.

Outros conceitos foram adotados na medida que o projeto avançava. Em primeiro lugar, precisei abrir mão da ideia de amor inerte e limitado já conhecido para dar lugar a outro, que, segundo hooks (2021), deve ser entendido como uma prática, ação reiterada, emoção não passageira, longe do ideal romântico, ou até mesmo incondicional usado para justificar relações abusivas ou despropositadas que alimentam o senso comum no qual a inércia mantém o estado de indiferença entre os seres humanos. Em sua visão, é preciso haver respeito mútuo, e, além disso, formas de engajamento comprometidas, desenvolvidas na prática, com busca e intenção de acontecer. Nessa medida, consegui realizar a minha busca. Sim, uma nova oportunidade para o amor. Atitude não tentada anteriormente, não com tanta energia ou intenção de se aproximar e reviver memórias, assim desobrigado, com bastante apego, regado de visitas semanais e café da tarde com direito a bolo e tudo. Talvez por acreditar no amor incondicional entre mãe e filho, nunca precisei fazer nada para mantê-lo, mesmo sabendo que sempre esteve presente. Sendo assim, ainda não sei se é possível amar na mesma proporção com que somos amados. Cabe uma reflexão. Contudo, não pretendo responder a tal questionamento, tampouco superá-lo. Sei que a partir de hoje tudo será diferente. Hoje, parece mais fácil sermos sinceros um com o outro, sem tanto medo, sabendo que sempre haverá oportunidades para nos encontrarmos, seja aqui, ou na terra prometida,

isso não importa mais, pois, o que está em jogo agora não é uma única verdade, mas a nossa verdade, que por algum momento também pode ser de outros.

Além disso, é valioso dizer que, mesmo partindo de uma iniciativa acadêmica, a experiência não se limitou a atender a alguma exigência programática. As motivações iniciais não diminuem a experiência, pelo contrário, torna transparente a relação de dupla via dentro e fora do espaço acadêmico àqueles que nos atravessam e partilham conosco e aos que se dispuseram a nos escutar, doando o seu tempo, sem julgamentos excessivos nem imposições ao nosso jeito de ser, pensar e viver.

O avanço na fronteira conflituosa entre eu e minha mãe sempre foi sutil e frágil, ao menos era o que se pensava até então, mas percebi que estava errado. Depois de exposto, no momento que olhei com mais atenção, percebi o limite na minha concepção sobre o amor. Jamais poderia imaginar que ele poderia ser capturado assim de forma proposital e determinada, buscada. O que sempre esperei foi o sentimento prometido, incondicional, alma gêmea, encontrado na esquina por acaso, possível pelo destino, eterno, que um dia iria se concretizar independentemente de vontade, sem esforço, e que duraria para sempre.

Por essa razão, acredito que o nosso papel é resistir e realizar algum tipo de comunicação que busque outros tipos de estéticas possíveis. Dentro do que Rancière (2005) propõe sobre o conceito de dissenso, porém, de maneira mais ampla, Marques (2012) entende que essa partilha vai além de uma forma de ruptura com a ordem dominante, mas também nos convida à construção de novas maneiras de formar comunidades e práticas afetivas coletivas, não apenas reconfigurando o comum, mas possibilitando a convivência com a diferença, criando e compartilhando espaços afetivos de encontro e diálogo em diversas perspectivas. Concordo com ela quando afirma que isso também pode acontecer após sermos expostos a uma partilha de sensibilidades que nos toca profundamente, não somente para transmitir informações, mas com força suficiente para construir significados coletivamente, mexendo com nossas emoções, nos fazendo acostumar com a diferença, abrindo espaços para vozes invisibilizadas e narrativas impossíveis. São práticas de dissenso criativas e transformadoras.

Um ponto crucial do ensaio proposto é a relação entre o narrador e o receptor, proporcionando o que Benjamin (1987) destaca sobre o narrador tradicional, alguém que vivencia e testemunha pessoalmente os eventos que narra. No caso em pauta, o narrador é também o protagonista do objeto narrado. Uma sugestão do autor que nos incentiva a explorar novas formas de narrar que possam reestabelecer a conexão genuína entre esses atores, ou seja, contar suas próprias experiências, lembranças, desejos, enfim, situações que interagem

diretamente com o público, contrapondo o que ele afirma sobre a cultura moderna acelerada que desvaloriza aquilo que é dito e vivido na experiência cotidiana. A partir disso, é possível narrar afetos e formar conexões íntimas com aqueles que as ouvem, estabelecendo relações de confiança e empatia, pois muitas pessoas podem partilhar das mesmas dores, temores, angústias, entre outros sentimentos.

Outro conceito valioso foi o de ficção de nós, trazido por Souza (2017), em sua tese, na qual aborda a reflexividade e a partilha da intimidade no cinema brasileiro contemporâneo, através do estudo sobre a cinematografia da *Filmes de Plástico*⁴. Este nos permitiu compreender a importância de se colocar em cena, não apenas os corpos, mas também com as nossas relações de intimidade, convocando a presença do espectador por meio da partilha da experiência familiar cotidiana em diálogo, recepcionando a cena. Para ela, a obra é um espaço de partilha, construção coletiva, uma mistura entre ficção e narrativas de si, arte e vida, conceitos relevantes, mas que não serão abordados a fundo aqui. Ao invés disso, trarei mais perguntas do que respostas. Então, como podemos ficcionar a própria experiência sem comprometer a fluidez e a verdade a que nos propomos partilhar? Essa pergunta veio à mente por muitas vezes. Também questionei se um documentário ainda poderia ser rotulado como tal mesmo após as novas descobertas. Na busca por respostas, pesquisando mais sobre esse tipo de produção, encontrei a filmografia de Agnès Varda⁵ dentre ela o filme *Os Catadores e Eu*, do ano de 2000. Nele, ela explora a vida dos catadores de lixo em Paris, trazendo uma visão subjetiva sobre a condição humana e as questões relacionadas ao consumo, desigualdade social e desperdício. Varda se insere na narrativa, interagindo com os catadores e compartilha suas próprias reflexões ao longo do filme. Seus filmes mesclam elementos documentais e ficcionais que exploram temas específicos de forma reflexiva sobre o mundo ao seu redor. Assim como Varda, o ensaio desenvolvido aqui busca tensionar realidade e ficção, pessoal e coletivo, explorando técnicas não convencionais de produção cinematográfica influenciado em parte pelo estilo *Nouvelle Vague*⁶, que teve como um de seus principais precursores, Varda. Por essa razão as narrativas foram baseadas em memórias e afetos reais, imagens e documentos de arquivos pessoais de família, além de elementos experimentais diversos, afastando-se de fórmulas e métodos convencionais usados em produções de estúdio.

⁴ Produtora brasileira de Contagem, MG, hoje sediada em Belo Horizonte, formada pelos diretores André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e pelo produtor Thiago Macêdo Correia.

⁵ Cineasta, fotógrafa e professora Belga precursora do movimento artístico *Nouvelle Vague*.

⁶ Movimento artístico do cinema francês composto por grupo de críticos cinematográficos da década de 1960.

Por que sobre nós?

Confesso que hesitei bastante antes de realizar esta experiência. Acho que de alguma forma já sabia onde isso ia chegar. Acessar lembranças, pensamentos e momentos há muito tempo adormecidos e revivê-los foi necessário, porém difícil. Uma espécie de cura, talvez. Acredito em certos momentos que precisamos deixar coisas ruins adormecer enquanto as boas despertam.

Um dos fatores que me fizeram escolher esse tema foi a visita muito valiosa da escritora, “mãe” do Grajaú, a querida Maria Vilani, no lançamento do seu livro “*Memórias de Maria e Um Pouquinho de Mim*”, que ocorreu na Cidade de Cachoeira, Bahia, por iniciativa do projeto de extensão “Entre: moradas em diálogo”, promovido pelo PPGCOM-UFRB. O livro supracitado confunde-se com uma obra ficcional, mas que revela muito sobre a realidade da sua vida. Sua partilha foi algo maravilhoso que despertou reflexões sobre a relação que tenho com minha mãe. A autora dedicou o livro a sua filha Cleane e nele Vilani (2022) partilha memórias que são dela, mas que se parecem com as de tantas outras mulheres, como minha mãe, uma outra maria que passou por muitos momentos difíceis na vida, desde a sua emigração para São Paulo, na década de 1990, na esperança de encontrar uma vida melhor para seus filhos, bem como pela educação tardia continuada após tornar-se sexagenária, sem contar a perda súbita de pessoas muito queridas. O que mais me tocou foi o seu jeito de ser e enfrentar o mundo mesmo após tantas dificuldades. Sua dedicação em cuidar de tantas pessoas me devolveu a força para ir atrás do abraço da única pessoa que talvez se importou comigo até pouco tempo atrás. Seu exemplo de vida me ajudou a parar de ter medo de mim, e, por essa razão lhe sou grato em segredo.

Perceber a ficção na vida real, ou talvez o contrário, não sei bem, é desafiador. Acredito fazer parte de um entrelugar no qual Bogado (2017) traz como possibilidade dialógica “entre vozes e espaços dinâmicos, ausência, lembrar e esquecer, ficção e documentário”. É onde tudo se confunde. Aqui e lá, no meu ver isso não importa, mas sim os efeitos que isso provoca em nossas verdades. Na vida real, minha mãe e eu sempre convivemos juntos, desde a infância. Lembro que ela me levava para todos os lugares e que sempre cuidou bem de mim e do meu irmão mais velho, filhos do seu único casamento oficial, bem como do seu divórcio. Fato que nos trouxe muitos desgostos precoces. Antes disso, acho que éramos felizes, porque sempre tínhamos familiares e amigos por perto na cidade onde morávamos: avô, avó, tios, tias, amigos de escola, vizinhos e boa comida.

Após a separação fomos para outro estado e ficamos isolados do nosso lugar e jeito de viver. Foi a sistematização de uma vingança mal sucedida. Tivemos que nos adaptar a outra realidade em pouco tempo, juntamente com as dificuldades que a vida nos trouxe. Tais acontecimentos nos empurraram contra o tempo e desde então aprendi a caminhar sozinho. A maturidade veio na mesma dimensão e com ela obrigações e responsabilidades que me afastaram da infância rapidamente, bem como dos momentos em que podia parar e pensar em coisas boas para nós. Nesse instante descobri a existência de realidades muito diferentes das que eu vivia anteriormente, nas quais crianças precisavam abrir mão da escola para ajudar na sobrevivência da família, e, aos treze anos eu já estava inserido nessa rotina. Dessa forma, trago fatos que não pretendo usar para comover, mas sim, explicar o motivo da distância ou falta de abraços cujos quais não consigo lembrar com clareza.

O mais importante deste relato é entender que não falo de uma ausência física, mas sim de tempo ou coragem para demonstrar afeto, pois tudo ocorreu de repente, intenso e devastador. Contudo, nem tudo se perdeu, porque sempre existe o lado bom do mundo. As experiências vividas foram igualmente fascinantes, entretanto, só consegui percebê-las anos mais tarde. Era uma vida corrida e solitária, sem muitos amigos ou propósitos, apenas queria permanecer ao seu lado atento e zeloso para que nada lhe acontecesse, e assim é até os dias atuais.

Sendo assim, compartilho essas experiências para que entendam em que circunstâncias o audiovisual foi concebido, bem como quais inquietações motivaram a escolha do objeto e do tema proposto. Espero que esse nosso jeito de amar se propague e sirva de incentivo para outros, pois parte do que vivi, senti e realizei com ela agora também é seu. Um pouco de mim, que, depois de visto, tornar-se-á de todos.

A partilha

A idealização do audiovisual tornou-se um desafio a partir do momento em que escolhi falar de mim e da minha relação familiar íntima com minha progenitora. De início, a tarefa não parecia ser assim tão complexa de executar, uma vez que hoje temos uma relação muito próxima e tranquila, porém tudo que vivemos e passamos juntos faz com que tenhamos que reviver sentimentos ainda não superados por completo, bem como acessar lembranças que nos afetam em silêncio há muitos anos. Por essa razão, decidimos não expor os pormenores dessas dores, mas focar apenas nos afetos que são mais vivos no agora, que nos tocam em primeiro e segundo graus, deixando de lado as lágrimas não derramadas e os acordos

descumpridos. Dessa forma foi possível partilhar nossas experiências fragmentadas de uma relação viva, verdadeira e sincera.

Começaremos então com a visita. Sim! Uma agradável e esperada visita da vovó. Onde? Em nossa morada. Lugar onde todos são bem vindos. Assim, nesse lugar valioso, demos início as primeiras conversas sobre a proposta do audiovisual. Foi preciso explicar os conceitos abordados e uma vaga noção do que seria feito, contudo, sem nenhum tipo de roteirização academicista, tampouco regras rijas e imposições de nenhuma natureza. Nessa conversa, ficamos horas lembrando coisas boas e ruins, e pude perceber o que mais nos afetava, seja pela ênfase ou pela veemência em narrar os acontecimentos. Perguntei coisas da infância, momentos que nunca foram externados e como era o seu cotidiano, o que sentia nos momentos de solidão e como fazia para superá-los. Nada que uma conversa generosa entre mãe e filhos não afluísse.

Nessa visita, ela pôde reencontrar o neto, meu único filho, Heitor. Não desgrudou dele o dia todo. Entre um cigarro e outro conseguimos esboçar algumas cenas, nada muito elaborado, apenas um guia de bolso e uma ideia na cabeça. Percebi então que não adiantaria fazer um roteiro programado com tudo que a cinematografia exige em uma produção, porque isso acabaria engessando a fluidez e a naturalidade com que as ações estavam se desenvolvendo. Era algo que ainda estava provando, assim como se experimenta uma comida baiana ou um lugar que visitamos pela primeira vez.

Durante a conversa surgiram basicamente quatro temas recorrentes. Tais diálogos desdobraram-se em questionamentos que ajudaram a escolher os temas e a montagem das cenas que poderiam ser usadas durante a gravação. São eles: saber como era o processo de costura e os passos necessários para operar a máquina que ela estava habituada a trabalhar e atender às encomendas de costura de roupas; o ritual do cigarro, gatilhos de ansiedade e desafios ao tentar parar de fumar, como começou e os motivos que a levaram decidir deixar o vício; motivo pelo qual desejava tanto retornar à antiga prática religiosa; lembranças de minha querida avó e a angústia do dia de sua morte; gosto e processo de escrita como terapia ou registros de ideias e pensamentos e também como alternativa de enfrentar e superar barreiras emocionais. Ademais, os diálogos foram convertidos em cenas de afeto. São elas:

- a) A costura: conectar a máquina na tomada; colocar bobina para encher; passar a linha, enfiar (destacar detalhes da máquina); costurar em vários ângulos; escolher e abrir o tecido; medir e cortar (destacar objetos); riscar as guias; ligar o motor (destacar luz e

som do motor); pisar no pedal para costurar (destacar o pé e som do motor); guiar o tecido com as mãos; apertar o botão de retrocesso (destacar as mãos).

A costura sempre nos acompanhou. Lembro-me bem de quando era criança e brincava de motorista debaixo da máquina de costura *Singer*⁷ da minha mãe. Seu sistema de pedais lembrava um volante de carro, era muito divertido movimentá-lo. Este é um dos fragmentos felizes da nossa história, bem como o fato de eu ter dado a ela de presente a máquina que ela usa atualmente para trabalhar. Por essa razão, achamos importante, ao gravar as cenas, evidenciar objetos afetivos que pudessem ajudar a ilustrar e reviver esses momentos, como mostrado na figura 1.

Figura 01 - Frame do audiovisual “Entre o Paraíso e Nós”



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

- b) O cigarro: fumar depois de acordar; fumar após tomar café; fumar após as refeições; fumar após alguma atividade; fumar depois de costurar; fumar com uso de piteira; fumar apenas na área externa.

O cigarro é um dos vilões da nossa história. Ele sempre nos acompanhou, acho que desde antes de eu nascer, talvez a principal causa das minhas antigas crises de asma, que, ao completar quinze anos, desapareceram completamente, assim como em um passe de mágica. Lembro bem de alguns desentendimentos na adolescência por causa do cheiro da fumaça. Sempre pedia a ela para fumar na área externa da casa, mas ainda assim gerava muita resistência, pois não era comum ouvir falar sobre os malefícios causados pela inalação da fumaça do cigarro. Enfim, apesar de sabermos tudo que pode acontecer com uma pessoa fumante assídua, ela ainda fuma e está determinada a parar. Por enquanto ele ainda está presente em nossas vidas após quase quarenta anos da minha existência, é o que podemos ver na figura 2:

⁷ Modelo de máquina de costura doméstica idealizado por Isaac Singer.

Figura 02 - Frame do audiovisual “Entre o Paraíso e Nós”



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

- c) A religião: ler a bíblia sagrada todos os dias; revelação 21: 3,4; mateus 24:14; por que ler a bíblia sagrada completa; ler a bíblia sempre a noite; ler a bíblia pelo celular; ir à igreja; reencontrar a mãe.

A religião para mim é uma faca bem afiada dos dois lados. Sim, um clichê que cabe bem nessa hora. Se por um lado tive proteção de mais, por outro, tive coragem de menos. A vida na igreja nunca foi ruim, porém era restrita. Quando criança minha avó nos levava para esse lugar feliz e calmo onde podíamos passear e encontrar primos, tios, tias e amigos da família. Mas também, éramos submetidos a uma vida de privações muitas vezes sem sentido em meio a um convívio social conflituoso. Não podíamos comemorar aniversários enquanto todos os nossos colegas o faziam. A escola na qual estudávamos seguia uma vertente religiosa adversa que possuía aulas específicas das quais éramos proibidos de participar. Com isso, sempre ficávamos isolados no pátio da escola aguardando todos retornarem. Sei que tudo era pensado para nosso bem estar e proteção, mas hoje, se tivesse escolha não gostaria de ter vivido dessa forma. Mesmo assim, aceito e respeito sua decisão de retornar. Seu propósito é verdadeiro e corajoso e o que ela quer é o mesmo que eu, o que muda é o caminho e a forma de percorrê-lo. A única certeza que tenho é que no dia do seu batismo eu estarei lá na primeira fila igualmente feliz. A seguir, na figura 3, está o livro que contém todos os códigos para sua salvação.

Figura 03 - Frame do audiovisual “Entre o Paraíso e Nós”



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

- d) A escrita: escrever no caderno; escrever a noite; escrever após escutar algo que ouviu no rádio ou na rua; escrever no momento para não esquecer; escrever memórias; escrever poemas.

O gosto dela pela escrita me surpreendeu. Uma descoberta boa e recente que fiz questão de relatar. Após saber que esse era um dos seus hábitos mais comuns pedi que escrevesse suas memórias em um caderno para que pudesse acessar a sua intimidade e com isso poder conhecê-la melhor. Tais partilhas podem ser sobre acontecimentos bons ou ruins que cruzaram seu percurso de vida, ou até mesmo de segredos esquecidos. Um dia quando tiver coragem de lê-los, saberei. O mais interessante é que funcionou e surgiram relatos inéditos que eu nunca teria acesso se não fosse dessa forma. Contudo, todos esses relatos ainda estão incompletos, porque não consigo enfrentá-los no momento. Pretendo apreciá-los em uma outra fase da nossa relação. Logo abaixo, na figura 4, está um de muitos cadernos ainda não lidos.

Figura 04 - Frame do audiovisual “Entre o Paraíso e Nós”



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

Enfim, nos encontramos

O processo de filmagem foi simples e completamente realizado com o uso de um celular. Com plano de fundo natural, lugares de convívio familiar frequentes, como a casa de meu irmão mais velho, minha sobrinha e minha cunhada, além da casa da “personagem” principal. Tudo estava ali à mão, não foi preciso confeccionar figurinos de nenhuma espécie ou cenografias complementares. As roupas foram escolhidas por ela, retiradas do seu próprio guarda-roupas. Tais objetos são parte do seu convívio diário. Apesar de alguns deles passarem despercebidos, todos foram escolhidos com certo critério de relevância para ambos. Escolhas do momento. Um deles foi a placa que aparece logo no início do vídeo, disposta no primeiro

andar contendo o seguinte texto: “Faz-se consertos em roupas contato: (75) 98800-3837”. A placa é real e revela um pouco sobre quem é a pessoa por trás da história e o que faz para ganhar a vida. Sua habilidade na arte de coser atrai pessoas de diversos lugares, solicitando serviços e encomendas, e, caso se interessem podem entrar em contato pelo número citado, ele está ativo. Em seguida, surge o plano situado na parte de dentro da casa. Nota-se que está de dia. O celular toca, porém a luz por trás da cortina, um presente de sua nora, não é a mesma do amanhecer.

A música suave precede um conselho onírico. Ao acordar, havia apenas uma janela, que apesar de aberta, parecia não permitir enxergar novos horizontes. Seu depoimento carrega sentimentos que a muitos anos a atormenta. Aquela que narra, fala de si e, ao mesmo tempo, sobre nós. São situações que permaneceram insolúveis por muitos anos de nosso percurso juntos, resultado de uma vida complicada. Em seguida, o despertador toca pela tarde, após as 15:00h, consequência dos efeitos colaterais causados pelos remédios. Na sequência, a cena na qual aparecem seus pés foi desfocada para omitir as varizes que a deixa bem desconfortável. Assim segue, com o maço de cigarro, a fotografia da filha que sempre sonhou em ter, mas não pôde de forma natural. Aliás, eu, filho mais novo do casal, só nasci por causa de uma tentativa “mal sucedida” de ter uma menina. Acho que devo agradecer. Foram elementos importantes usados para que pudéssemos configurar nossa própria existência, uma espécie de *mise-en-scène*⁸ pronta, feita de elementos tão carregados de sentido e carga dramática que apenas houve a necessidade de movê-los de lugar, montando pares e arranjos, deixando-os com seus significados originais. Enquanto narra sua luta contra o vício do cigarro, ela sai e vai ratificá-lo na área da lavanderia, local onde a fumaça não é capaz de retornar.

O cinzeiro improvisado que pegamos na cozinha da casa de meu irmão mais velho é o mesmo onde deitam os alfinetes. Não que uma atividade esteja ligada a outra, porque, afinal, ela poderia ter utilizado qualquer outro objeto, contudo, foi preciso inventar este para alimentar a ficção e realizar a transição da cena. Os alfinetes, sim, são reais, assim como quem os usa para alinhar o fundo de um tapete. Daí em diante ela segue com a narrativa, dessa vez de como aprendeu a costurar por meio da observação e do conhecimento transmitido entre avó, mãe e filha. A foto da neta junto a mesa de costura nos fez lembrar de quando ela era pequena e quando nasceu. Dia marcante com mais de doze horas em trabalho de parto aguardando ansiosamente. Enquanto costura, relata o por que tinha medo dos

⁸ No teatro, é a disposição de cenários no palco.

*caretas*⁹, fato que nos fez desistir da proposta inicial de documentar o processo de confecção de uma roupa de tapete ou mortalha, usadas pelos *caretas*. Eu observava e registrava atentamente cada movimento das mãos e lembrava da antiga máquina de costura em que eu e meu irmão brincávamos quando ela não estava por perto. Ao final da tarde, sentamos e conversamos enquanto ela acendia e fumava mais um cigarro, em frente a um belo pôr do sol. Depois disso, caiu a noite e com ela a palavra¹⁰. Falar sobre o livro bíblico Revelação 21:3-4 parece acalmar o coração e fomentar o sentimento de esperança que um dia o próprio Deus estará conosco, enxugando nossas lágrimas e extinguindo do mundo a morte, a tristeza, o choro e a dor. Ora, e porque não acreditar na promessa se já estamos aqui? Quem pode provar com exatidão que essa profecia em forma de versículos não irá se cumprir? Por via das dúvidas é melhor acreditar e ser mentira do que não acreditar e ser verdade! Então, só teremos vantagens nisso, correto? Não que eu seja descrente, e realmente não sou, mas tenho uma cosmovisão diferente sobre o mundo, o que não me impede de acreditar em quem acredita, afinal existem muitas verdades e temos que conviver com as diferenças existentes.

Retornando à Gênesis¹¹, entre as páginas, surge algo que não esperava. O livro abrigava fotografias de pessoas importantes para ela. Para Bogado (2017) essa foi a descoberta de um entrelugar, ao afirmar que fotografias vistas em cena tornam-se um “clarão para os escombros da história”, uma relação entre presença e ausência, história fragmentada, lugar limiar entre ficção e fato no qual pode-se transformar o invisível e o silêncio dos arquivos em imagens vistas e ouvidas. Uma das fotos é a do seu antigo companheiro, que, infelizmente, morreu subitamente sem deixar tempo para se despedir. Ele era o pai não biológico da minha irmã mais nova, um dos maiores presentes que a vida lhe trouxe. Também havia fotos minhas e de meu irmão mais velho ainda crianças, todas ali guardadas com carinho, algumas contendo a esperança de reencontros futuros, outras pelo valor sentimental que possuem. Confesso que fiquei emocionado ao saber que ela ainda tem muito amor guardado a oferecer, seja aqui ou na terra prometida.

À noite, antes de sair para a reunião da congregação religiosa a qual pertence, ela separa sua melhor roupa e a organiza tranquilamente enquanto compartilha sua fé. Fala também sobre os obstáculos que a impedem de se batizar e reencontrar a mãe. A sua promessa é também o meu desejo, pois gostaria muito de ter me despedido da minha querida avó. Um

⁹ Participantes da lavagem de rua da festa do Senhor do Bonfim de Muritiba que confeccionam suas roupas de tapete ou mortalhas e sagem usando máscaras em seus rostos atrás do embalado.

¹⁰ Referência aos versículos bíblicos.

¹¹ Primeiro livro do novo testamento bíblico.

abraço apenas era tudo que precisava. O uso do abraço como artefato aqui não é um clichê, mas um indício, pois ainda não pode ser materializado na mãe, e sim na filha que daqui a alguns anos dará continuidade ao espiral de saudade.

Outra revelação que tive foi do seu gosto pela escrita. Na verdade, sabia que ela escrevia, mas não com tanta frequência e paixão, tanto que teve que se desfazer de muitos cadernos por não ter onde guardá-los, literatura perdida, descarga valiosa de pensamentos que a impedem de dormir ou de sonhar devido aos remédios. Em seguida, relata que enviou vários dos seus textos para um programa de rádio local e que eram lidos no ar, fazendo com que se sentisse valorizada e orgulhosa. Percebi que se trata de um jeito de não esquecer, ou melhor, medo de não lembrar de momentos importantes. Por fim, antes de dormir, ela toma os seus remédios que a ajudam a parar de fumar, entre outros que a fazem adormecer, reestruturar os seus pensamentos e levantar um pouco melhor do dia seguinte.

Sobre a experiência

Esta com certeza foi uma das experiências mais sensíveis e interessantes que já tive. Nunca pensei que algo tão complexo, misto de amor e ressentimentos, poderia servir de partilha para outras pessoas, dado que enfrentar nossos medos é uma tarefa que requer reflexão, sacrifício e resiliência.

A não roteirização acadêmica do filme trouxe maior liberdade criativa, guiada pelo sentimento momentâneo, efêmero e não programado. Por meio de conversas foi possível encontrar elementos importantes que deram origem aos temas apresentados. Com isso, nossas angústias aprisionadas se transformaram em cumplicidade, menos saudade e muitas trocas.

A falta de conhecimento técnico cinematográfico talvez tenha nos ajudado, ou nem tanto, mas para mim não tem relevância agora, o melhor foi ter aproveitado cada momento de risadas e conversas sinceras, além de um gole de café quente feito na hora, no final de cada set. É muito gratificante poder transmitir quem somos por meio de nossas próprias lentes, interpretando a nós mesmos. Sinceridade que não é boa nem ruim, apenas a nossa verdade e jeito de ser em nosso cotidiano.

Sendo assim, espero que essa partilha seja recebida como um abraço quente, apertado e cheio de saudade, naquela pessoa que a muito tempo não se vê, ou que sonha em um dia reencontrar, aqui ou na terra prometida, porque nada é impossível diante de nossa ínfima certeza sobre a serventia da vida.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOGADO, Angelita. **Cinema do entrelugar: imaginários de um passado em fluxo na obra documental contemporânea brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MARQUES, Â. C. S. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. **XXI Encontro Anual da Associação de Pós-Graduação em Comunicação** (Compós), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed 34, 2005.

SOUZA, Scheilla Franca de. **As Ficções de Nós na Filmes de Plástico: reflexividade, intimidade e partilha no cinema brasileiro contemporâneo**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VILANI, Maria. **Memórias de Maria e um pouquinho de mim**. São Paulo, SP : Ed. da Autora, 2022.